

**EUGENIA E LITERATURA  
 MODERNISTA: "SUPREMACIA"  
 DO MESTIÇO COMO  
 REDENÇÃO BRASILEIRA?**

GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO\*   
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS,  
 PALMAS, TOCANTINS, BRASIL  
 MÁRCIA REGINA DA S. R. CARNEIRO\*\*   
 UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE,  
 NITERÓI, RIO DE JANEIRO, BRASIL

**RESUMO**

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre os artigos de opinião de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo – publicados no jornal *Correio Paulistano* – enquanto consumo cultural das posições de José Vasconcelos sobre a “raça cósmica”. É importante destacar, ainda, que os artigos de opinião tratados aqui traçaram as linhas mestras do verde-amarelismo. Problematizamos, também, como o modernismo verde-amarelo propôs outra reinterpretação da eugenia, que valorizava a contribuição do indígena, do africano e do imigrante europeu na formação racial brasileira. Em seguida, analisamos como as posições sobre miscigenação expostas nesses textos serviram de pano de fundo para inspirar a escrita do poema *Martim Cererê* (1927), de Cassiano Ricardo. Assim, levando em consideração o predomínio das teorias do branqueamento nos primeiros anos do século XX, defendemos que as apropriações das teses vasconcelianas pelos dois escritores modernistas produziram outro resultado como, por exemplo, a “raça cósmica” como valorização da mestiçagem em contraposição à raça pura.

**Palavras-chave:** raça; povo; nação.

**ABSTRACT**

This research discusses the Plínio Salgado and Cassiano Ricardo’s opinion – published in various articles in the newspaper *Correio Paulistano* – as cultural consumption of José Vasconcelos’ notion “cosmic race”. It is also important to highlight that the opinion articles discussed here outlined of the Brazilian’s position at modernism, in this paper named with the colors of the Brazilian flag (green and yellow). We also problematize how the Brazilian modernism proposed the reinterpretation of eugenics, which valued the contribution of indigenous people, Africans, and European immigrants to Brazilian racial formation. We analyze how the positions on miscegenation exposed in these texts served as a backdrop to inspire the writing of the poem *Martim Cererê* (1927) by Cassiano Ricardo. Thus, considering the predominance of whitening theories in the first years of the 20th century, we argue that the appropriations of José Vasconcelos’ thesis by the two modernist writers produced another result such as, for example, the “cosmic race’s” notion as an appreciation of miscegenation as opposed to race pure.

**Keywords:** race; people; nation.

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: [george.coelho@hotmail.com](mailto:george.coelho@hotmail.com)

\*\* Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [marciarcarneiro@gmail.com](mailto:marciarcarneiro@gmail.com)

## RESUMEN

Esta investigación presenta un estudio sobre cómo los artículos de opinión de Plínio Salgado y Cassiano Ricardo – publicados en el periódico *Correio Paulistano* – pueden ser entendidos como consumo cultural de las posiciones de José Vasconcelos sobre la “raza cósmica”. También es importante resaltar que los artículos de opinión aquí discutidos delinearon las principales líneas del verde-amarilismo. También problematizamos cómo el modernismo verde y amarillo propuso otra reinterpretación de la eugenesia, que valoraba la contribución de los indígenas, africanos e inmigrantes europeos a la formación racial brasileña. A continuación, analizamos cómo las posiciones sobre el mestizaje expuestas en estos textos sirvieron de telón de fondo para inspirar la escritura del poema *Martim Cererê* (1927) de Cassiano Ricardo. Así, teniendo en cuenta el predominio de las teorías blanqueadoras en los primeros años del siglo XX, sostenemos que las apropiaciones de las tesis vasconcelianas por parte de los dos escritores modernistas produjeron otro resultado como, por ejemplo, la “raza cósmica” como apreciación de mestizaje en contraposición a raza pura.

**Palabras clave:** raza; gente; nación.

## INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX foi marcada pela consolidação dos debates eugênicos no continente europeu. Tais debates anunciavam a existência de raças “superiores”, de ascendência europeia – especialmente nórdica e ocidental –, que deveriam triunfar sobre as demais raças. Por trás dessa premissa pseudocientificista, a inferiorização das demais raças – entendidas como povos miscigenados, latinos, asiáticos e aborígene – se justificava pelo avanço imperialista na África, na Ásia e na América. Tal interpretação racial tinha, por conseguinte, o propósito de impor um modelo de exploração do mercado, de consumo de mercadorias industrializadas e do modelo de Estado-Nação europeu, que era artificialmente demarcado territorialmente como comunidade imaginada<sup>1</sup>.

No caso do imperialismo europeu, delineava-se como um modelo impositivo para promover a submissão das demais culturas à lógica ocidental. Essa ótica eurocêntrica imprimia, também, uma concepção civilizatória que justificava a subalternização dos povos colonizados. Na perspectiva eugênica, o conhecimento científico, o desenvolvimento tecnológico e a complexa divisão social do trabalho no período pós-industrialização seriam formas de demarcar os degraus evolutivos entre os povos. Por essa razão, nas sociedades em que essas estruturas estivessem ausentes, caberia ao processo civilizatório intervir sobre elas.

1 ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

Diante de todo esse panorama, a diversidade social e cultural das Américas provocou – ao longo do processo de dominação – a curiosidade dos europeus no encontro/confronto exploratório geográfico, religioso e intelectual entre colonizadores e colonizados. Esse cenário possibilitou a construção da oposição selvageria *versus* civilização e, embora o relativismo cultural já fosse apontado na literatura do século XVI como, por exemplo, em Montaigne, Pascal e outros, essas experiências literárias não foram capazes de superar a representação negativa do outro. Podemos citar, inclusive, o selvagem Caliban presente na obra *A Tempestade*, de Shakespeare, como produção literária pertencente a esse movimento. Conforme as análises de Fernández Retamar<sup>2</sup>, Caliban tornar-se-ia um personagem central nas tentativas europeias de representação do outro<sup>3</sup>, onde a escravização tornara-se um tratamento civilizatório ao selvagem.

Compreendemos que os debates acerca da construção de uma identidade latino-americana acompanharam a trajetória das questões sobre “raça” na Europa, assim como o pensamento eugênico na América Latina. Essa problemática repercutiu entre intelectuais latino-americanos e, na maioria dos casos, produziu interpretações heterodoxas. Enquanto as correntes anglo-saxônicas entendiam a miscigenação como degeneração, Nancy Stepan<sup>4</sup> sugere que alguns latino-americanos desenvolveram argumentos a favor da mestiçagem, colocando-a como aprimoramento racial. Dois exemplos dessa reinterpretação são: a ideia da “raça cósmica” desenvolvida no México por José Vasconcelos e a teoria do “embranquecimento” elaborada no Brasil. O que chama a atenção é que ambas as proposições ressaltavam a mestiçagem como contraposição à pureza racial apontada pela eugenia europeia.

No caso mexicano, Laura Suárez y López Guazo<sup>5</sup> destaca que diversos intelectuais refutaram o eugenismo europeu. Entre eles destacamos Vasconcelos, que diferiu da visão racial de intelectuais mexicanos do século XIX, como Francisco Pimentel, Alfredo Chaverro ou Vicente Riva Palacio, assim como distanciou-se da concepção de mestiçagem defendida por Andrés Molina Enríquez e Manuel Gamio no início do século XX. Alexandra Stern resalta, também, que Vasconcelos propôs uma “*reinterpretación radical de aquellas doctrinas de ‘razas’ puras que habían dejado atrapados a los positivistas dentro de la imaginación racial de las teorías*”

2 FERNÁNDEZ RETAMAR, R. “*Caliban en esta hora de nuestra América*”, en *Todo Caliban*. Buenos Aires, CLACSO, 2004.

3 Caliban seria a representação do selvagem – disforme e mau – que seria escravizado pelo naufrago, o Duque de Milão deposto e estrangeiro em um Novo Mundo.

4 STEPAN, N. L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

5 SUÁREZ Y LÓPEZ GUAZO, L. *Eugenesia y racismo em México*. [S. l.]: Eugenesia y racismo em México, 2005. Disponível em: <http://www.librosoa.unam.mx/handle/123456789/2225>. Acesso em: 9 abr. 2023.

*européas*<sup>6</sup>. Por fim, Maurício Tenório<sup>7</sup> e Leonardo de Carvalho<sup>8</sup> entendem que Vasconcelos não se afastou do conceito europeu de raça, mas o redefiniu, propondo uma inversão conceitual do eugenismo europeu, na qual a pureza racial seria exemplo de fraqueza e a miscigenação representaria a superioridade.

Outra questão relevante é que Vasconcelos não se aproximou da medicina, da biologia e da antropologia física. Esse distanciamento mostra que Vasconcelos estava mais preocupado com a dimensão espiritual e cultural da miscigenação do que com questões científicas. A eugenia vasconceliana organizou-se a partir de duas óticas: uma que entrelaçava o jogo entre a herança biológica, o projeto de Nação mexicana e a constituição de uma identidade ibero-americana; e outra que partia da harmonia advinda da mistura racial, das diversidades étnicas e das várias culturas americanas.

Os dilemas eugênicos também foram representativos entre a intelectualidade brasileira, produzindo o que se convencionou chamar de teoria do branqueamento. Lilia Moritz Schwarcz<sup>9</sup> salienta que as teorias raciais europeias receberam uma entusiasmada acolhida no Brasil, mas essa receptividade não significou que tenham permanecido tal qual eram discutidas no continente europeu. A autora acentua que alguns intelectuais atualizaram o que combinava com a realidade nacional e descartaram o que era problemático para a construção de um argumento racial coerente com a sociedade brasileira<sup>10</sup>. Para a autora, essas ideias foram produzidas em diferentes estabelecimentos de ensino e pesquisa, incluindo: museus etnográficos brasileiros, institutos históricos e geográficos, faculdades de direito e faculdades de medicina.

Uma das formas de pensar a questão racial brasileira também pode ser encontrada em *Os sertões*<sup>11</sup>, obra fundamentada nas influências Positivistas e Naturalistas que projetavam – pelo olhar de Euclides da Cunha – a comparação de estágios civilizatórios entre “novas” e “velhas”

6 STERN, A. Mestizofilia, biotipología y eugenesia en el México posrevolucionario: hacia una historia de la ciencia y el estado, 1920-1960. *Relaciones. Estudios de historia y sociedad*, [s. l.], v. XXI, n. 81, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13708104>. Acesso em: 9 abr. 2023. p. 62.

7 TENÓRIO, M. Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 123-148, 1994.

8 CARVALHO, L. D. A identidade da “raça cósmica”: a experiência da eugenia no México. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v. 23, p. 268-270, dez. 2016.

9 SCHWARCZ, L. M.. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

10 Os intelectuais que defendiam a mestiçagem como união cósmica entre as “raças” dominadora (europeia) e submetida (povos originários da América Latina) reforçavam que ela deveria ocorrer por meio de matrimônios cristãos. Como exemplo, destacamos o casamento entre Paraguaçu e o português Diogo Álvares encenado no romance *Caramuru* (1781), escrito pelo Frei Santa Rita Durão. Ao ser batizada para a realização do casamento cristão, Paraguaçu receberia o nome de Catarina. Tal acontecimento pode ser entendido como “matrimônio cósmico”, termo usado por Plínio Salgado para definir a construção da “raça cósmica”. Ver SALGADO, P. *Raça harmoniosa*. Correio Paulistano, São Paulo, 1926.

11 CUNHA, E. *Os sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert & Co., 1902.

Nações. Tal representação buscou constituir as especificidades regionais que compunham a concepção de uma raça brasileira forjada no interior. Seria o nordestino o “Hércules-Quasímodo” característico de um ambiente de “terra ignota” em que a geografia denotaria caráter e o fenótipo característico brasileiro do interior, principalmente: o caboclo.

Outra forma de pensar a questão racial brasileira foi elaborada pelo eugenista Renato Kehl<sup>12</sup>. Pietra Diwan<sup>13</sup> ressalta as sugestões eugênicas severas de Kehl, entre elas: a necessidade de exame médico pré-nupcial obrigatório, a esterilização compulsória dos indesejáveis e a seleção dos imigrantes segundo critérios raciais. Ao analisar dialeticamente a metáfora da “árvore da Eugenia”, a autora entende que seus significados circulavam entre duas perspectivas: 1) como abstração da concepção das características físicas e intelectuais das “raças”; e 2) como representação da rede de poder<sup>14</sup> composta de médicos, cientistas, políticos e intelectuais internacionais.

Tendo em vista estabelecer conexões da questão racial no Brasil em relação aos povos europeus, esse pensamento eugenista voltava-se as costas aos jovens Estados-Nação da América Latina. Segundo a autora, essas jovens Nações lidavam com suas populações majoritariamente compostas de descendentes dos povos originários e, ao mesmo tempo, mantinham em pauta as relações intersociais entre colonizadores e colonizados, em que repercutiam os modos de exploração/ocupação do território “conquistado”. Contudo, tal construção simbólica das sociedades latino-americanas sobre si não era interessante para a parte da intelectualidade brasileira que primava pela aproximação com a realidade europeia.

Um terceiro espectro do pensamento racial brasileiro das primeiras décadas do século XX girou entorno do mito das Três Raças. O debate acerca da composição e organização social do povo brasileiro dialogava com a perspectiva do “branqueamento” do povo. Tal perspectiva não significou uma concordância em termos “raciais”, embora a colonização europeia e o modelo civilizatório ocidental significassem as demarcações organizacionais em termos de Estado e sociedade/cultura.

Segundo Marly Silva da Motta<sup>15</sup>, o Centenário da Independência foi um marco no processo de constituição da identidade racial da Nação, tanto por demarcar os traços de semelhança quanto por demarcar as diferenças. A autora considera que a questão racial emergiu como um tema caro

12 Os expoentes do debate eugênico no Brasil eram: Nina Rodrigues (professor da Faculdade de Medicina da Bahia), Renato Kehl (professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) e Edgar Roquete-Pinto (antropólogo e Presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia).

13 DIWAN, P. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

14 Ao apontar os estudos eugênicos de Kehl, Vanderlei Sebastião de Souza (2019) entende que o eugenista brasileiro teria transitado da “eugenia preventiva” para as eugenias “positiva” e “negativa”, dialogando com eugenistas de outros países através de uma “rede de poder”.

15 MOTTA, M. S. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

para a construção de uma sociedade moderna, que dependia de um projeto de (re)construção da Nação. Com o intuito de tentar resolver os dilemas quanto à interpretação sobre a nacionalidade partindo da questão racial, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) cumpriu um importante papel nesses anos. No que se refere a esse debate no interior do Instituto, Noé F. Sandes<sup>16</sup> entende que aquele também organizou e interpretou a marcha dos acontecimentos históricos com base no estudo das três raças.

De acordo com Sandes<sup>17</sup>, o IHGB aprofundou o estudo da atuação dos portugueses no período colonial, principalmente a dos administradores coloniais e imperiais. Em relação aos povos originários, abriu-se uma polêmica com os indigenistas do século XIX acerca da sua identificação como portadores da identidade nacional. O Instituto defendia a ideia de que “o indígena deveria ser tomado como objeto de pesquisa histórica e etnográfica” desde que atestasse “a superioridade da raça branca”<sup>18</sup>. Quanto aos africanos escravizados, o IHGB apenas lamentava “os males oriundos da escravidão, delineando, sob o signo da ausência, a participação do negro em nossa história”<sup>19</sup>.

No caso específico do Brasil, o discurso eugênico que subsidiava os debates sobre raça e identidade nacional floresceu em resposta às contingências do nacionalismo e às discussões acerca das políticas de imigração no período pós-abolicionista. Ao tratar desse assunto, Schwarcz<sup>20</sup> defende que as teses eugenistas oscilaram entre versões negativas e positivas. Na vertente negativa, a mestiçagem atestaria a falência da Nação; já na vertente positiva, a mestiçagem nem sempre levaria à degeneração. Segundo a autora, o casamento entre evolucionismo e darwinismo social possibilitou aos eugenistas brasileiros apostarem na miscigenação positiva, contando que o resultado fosse branco. Devido a essa resignificação, a mestiçagem transformou-se em “promessa” e até “fortuna”.

Com base nesses apontamentos preliminares, veremos como os artigos de opinião de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo publicados no jornal *Correio Paulistano* demonstravam o consumo cultural das posições de José Vasconcelos sobre a formação de uma “raça cósmica” no Brasil. Sobre essa questão, os apontamentos de Stepan<sup>21</sup> e Schwarcz<sup>22</sup> são importantes para desfazermos duas impressões: 1) que foi José Vasconcelos o único a inventar a positividade da

16 SANDES, N. F. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Editora UFG, 2011.

17 SANDES, 2011.

18 SANDES, 2011, p. 96.

19 SANDES, 2011, p. 96.

20 SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

21 STEPAN, 2005.

22 SCHWARCZ, 2012.

mescla racial e que a 2) entrada dessa reflexão no Brasil se deu apenas pelo intelectual mexicano. Ao desconstruir essas duas imagens, não negamos a importância de José Vasconcelos para o diálogo racial no Brasil da década de 1920, mas pontuamos esse debate local em alguns textos do modernismo verde-amarelo. É importante destacar, ainda, que os artigos de opinião tratados aqui buscaram traçar as linhas mestras do verde-amarelismo em diálogo com as posições de José Vasconcelos. Em seguida, analisamos como as posições sobre miscigenação serviram de pano de fundo para inspirar a escrita do poema *Martim Cererê*<sup>23</sup> (1927), de Cassiano Ricardo. Por fim, problematizamos como o modernismo verde-amarelo propôs uma reinterpretação da eugenia, que era entendida pela tentativa – não alcançada – da valorização da contribuição do indígena e do africano na formação racial brasileira.

## **RAÇA, POVO E NAÇÃO: PLÍNIO SALGADO E CASSIANO RICARDO NAS FILEIRAS DO VERDEAMARELISMO**

No que se refere à presença do mestiço na sociedade brasileira, alguns escritores do início do século XX assimilaram essa figura, como, por exemplo, Menotti del Picchia em seu *Juca Mulato* (1917) e Monteiro Lobato em seu *Urupês* (1918). Segundo Mônica P. Velloso<sup>24</sup>, em muitas dessas produções literárias predominava a visão pessimista dessa presença para a nacionalidade, pois a maioria dos literatos liam a brasilidade por intermédio da cartilha do darwinismo social, distinguindo superiores e inferiores. Todavia, veremos que a apropriação do mestiço pela literatura modernista verde-amarela começou a modificar essa percepção, transformando-o em uma espécie de elemento eminentemente nacional.

Tradicionalmente, o termo Modernismo fixou-se na historiografia literária para designar o período artístico inaugurado com a Semana de Arte Moderna<sup>25</sup>. No entender Afrânio Coutinho<sup>26</sup>, a Semana de 1922 foi mais do que um ponto de partida; foi a convergência e aglutinação de forças que se vinham constituindo entre escritores paulistas desde a segunda metade da década de 1910. Paralelamente a essa interpretação, devemos ter ciência de que é errônea a ideia de que o Modernismo foi exclusivamente paulista e que os escritores de outras regiões apenas copiaram<sup>27</sup>, por isso é mais coerente se referir a Modernismos no Brasil e não a Modernismo Brasileiro.

23 Doravante *M.C.*

24 VELLOSO, M. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

25 COUTINHO, A. *A literatura brasileira: modernismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1970.

26 COUTINHO, 1970.

27 Essa narrativa hegemônica, segundo Velloso (2013), foi empreendida pelas vanguardas paulistas nas décadas seguintes. É fundamental reconhecer que as literaturas regionais já incorporavam novos temas, linguagens e estéticas concomitantemente à chamada “vanguarda paulista”.

Velloso<sup>28</sup> assevera que outra afirmação tradicional, ou canônica, sobre o Modernismo é aquela que limita o movimento à frente única paulista e ao seu caráter unitário, sugerindo que somente após a “fase heroica” é que as divergências ganharam terreno e a frente única dividiu-se em grupos. Alfredo Bosi<sup>29</sup> também reconhece que esse equívoco deve ser esclarecido. Para o crítico, antes mesmo da formação de grupos, já se podia enxergar, por meio da leitura dos artigos de Menotti Del Picchia – escritos para o *Correio Paulistano* – e das reflexões de Oswald de Andrade – divulgadas no *Jornal do Comércio* –, a configuração de uma dupla direção no Modernismo: a liberdade formal e os ideais nacionalistas.

Diferenças e divergências no interior do Modernismo paulista foram demonstradas por rupturas mais explícitas, como a discordância de opiniões em relação à construção de nacionalidades brasileiras, que se dava pela possibilidade de deglutir as influências estrangeiras ou decretar o “jejum” não colonial. Os antropófagos – grupo do qual fez parte Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Villa-Lobos, entre outros – e os verde-amarelos – entre eles, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo – representavam, respectivamente, as duas correntes paulistas em disputa, e mesmo no interior delas havia discordâncias. É importante salientar que resguardaremos nossa análise apenas à vertente verde-amarela, sendo assim, veremos como dois dos seus principais escritores – Plínio Salgado e Cassiano Ricardo – ressignificaram a questão racial inspirados no pensamento de José Vasconcelos.

Para entendermos esse intercâmbio, devemos recordar a nomeação de José Vasconcelos para chefiar a missão diplomática nas Comemorações do I Centenário da Independência do Brasil. Após a época revolucionária, Vasconcelos tornou-se reitor da Universidade Nacional do México em 1920 e compôs a equipe que criou a Secretaria de Educação Pública (SEP), órgão que dirigiu entre 1921 e 1924. Nesse cenário, Claude Fell<sup>30</sup> ressalta que a elite intelectual mexicana passou a tomar consciência de seus diversos problemas internos. Segundo o autor, José Vasconcelos pertenceu à geração que tinha esperança na ideia de que “*la educación podía ser un instrumento formidable para desestratificar y reequilibrar la sociedad*”<sup>31</sup>. Além do papel da educação, Vasconcelos também acreditava no papel social dos intelectuais e no caráter transformador da cultura.

28 VELLOSO, M. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 89-112, 1993. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1952>. Acesso em: 9 abr. 2023.

29 BOSI, A. *história concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

30 FELL, C. *José Vasconcelos, los años del Águila (1920-1925)*. México: UNAM, 2009. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B9Ed9nfplwQRWlzQ2J0YzVqZ2M/edit>. Acesso em: 20 maio 2018.

31 FELL, 2009, p. 10

Além de estar à frente da criação e ser o primeiro diretor da SEP, o intelectual mexicano também compôs diversas missões diplomáticas, inclusive como representante no Centenário da Independência do Brasil. É importante frisar que todas as conferências pronunciadas pelo embaixador especial durante sua estadia no Brasil se tornaram prelúdios do ensaio *La raza cósmica* (1926)<sup>32</sup>. Durante essas conferências, Vasconcelos frisava a necessidade de “intercâmbio entre as nações latino-americanas, a superioridade das etnias sobre o político e a valorização da cultura americana”<sup>33</sup>. Todos esses apontamentos serão posteriormente tratados de forma mais sistematizadas em seu mais famoso ensaio.

Independentemente da forte influência que a visita ao Brasil exerceu na produção desse ensaio, Fell<sup>34</sup> nos alerta que o Brasil – antes de 1922 – aparecia apenas em referências circunstanciais nos escritos vasconcelianos. Para o crítico, somente após sua saída da SEP, em 1925, é que o intelectual revisa e organiza as notas da viagem realizada em 1922. Tais notas foram reunidas com alguns artigos publicados na imprensa dos países visitados e sintetizadas no volume *La raza cósmica* (1926). Apesar dessa posição crítica, Fell se mantém preso à interpretação de que a obra pode ser interpretada de duas formas: o resultado do encantamento pelo Brasil e a idealização do devir ibero-americano<sup>35</sup>. Esse encantamento e essa expectativa do devir latino-americana são negociados em uma mescla entre história e lenda, em que o intelectual mexicano buscou compor um “*programa espiritual*” destinado “*a consolidar definitivamente la cohesión del continente ibero-americano y a hacer de él la cuna de la humanidad nueva*”<sup>36</sup>.

Em síntese, Fell defende que o referido ensaio foi uma mistura de manifesto e encantamento que fundidos expressam

[...] una tentativa – no exenta de contradicciones y a veces de incoherencias – de proporcionar la síntese intuitiva de una nueva ideología Movilizadora. Gira alrededor de la noción confusa de “raza”, que, em la mente de Vasconcelos, es una amalgama de los conceptos de “cultura”, “civilización”, “Pueblo”, “costumbres”, “lengua”<sup>37</sup>.

Para Fell<sup>38</sup>, a representação idílica do Brasil foi construída a partir da unificação da “*belleza de sus paisajes*” e do “*esplendor de su naturaleza*” com “*la mezcla armoniosa de las distintas etnias*”. O autor ressalta, ainda, que o ensaísta idealizou o Brasil como uma “*gran civilización*”

32 COELHO, G. L. S. Consumo cultural do pensamento vasconceliano na literatura modernista brasileira: intercâmbios intelectuais na constituição do discurso da raça latino-americana na década de 1920. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [s. l.], n. 25, p. 183-221, 2019. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/2954>. Acesso em: 11 abr. 2023.

33 COELHO, 2019.

34 FELL, 2009.

35 COELHO, 2019.

36 FELL, C. *José Vasconcelos, los años del Águila (1920-1925)*. México: UNAM, 2009. p. 639

37 FELL, 2009, p. 639.

38 FELL, 2009, p. 601.

que no se há fundado em la conquista y la sangre sino em la fraternidad, el trabajo y la luz”<sup>39</sup>. Na construção da imagem idílica do Brasil, as paisagens eram perfeitas, não existia miséria, o povo era amável e o governo era composto de homens cultos e de espírito democrático<sup>40</sup>. O autor defende que toda essa construção ideológica pretendia servir para “*excitar la imaginación y suscitar el entusiasmo de los iberoamericanistas*”<sup>41</sup>. De modo genérico, o objetivo principal do ensaio foi defender a miscigenação e o surgimento da “quinta raça” como parte de um projeto racial ibero-americano, ou seja, o ensaísta fundamentou sua teoria utópica da nova raça que se formaria na América Latina, tendo o Brasil como a expressão mais imediata<sup>42</sup>.

Além das comemorações do I Centenário da Independência, episódio que proporcionou a viagem de Vasconcelos ao Brasil e a escrita do seu célebre ensaio, não podemos nos esquecer de que o ano de 1922 foi um importante divisor de águas na vida cultural brasileira. Entre os importantes acontecimentos desenrolados naquele ano, citamos a Semana de Arte Moderna. Esse evento marcou o momento em que diversos escritores buscaram redefinir a linguagem literária e cultural do país. Frente a essa tomada de consciência nacional, entendemos que a passagem do intelectual mexicano e a publicação de *La raza cósmica* marcaram alguns escritores modernistas ao longo da década de 1920, entre eles Plínio Salgado e Cassiano Ricardo.

### Plínio Salgado e a “raça harmoniosa”

Plínio Salgado chegou à capital paulista em 1920, logo se empregando no *Correio Paulistano*, órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP). Nesse periódico, fez amizade com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo. A princípio, manteve posição cautelosa diante do movimento modernista, mas, em 1924, aproximou-se do movimento, inclusive liderando grupos literários. Entre 1925 e 1927, dirigiu junto a Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo a revista *Novíssima* e, em 1926, publicou *O estrangeiro*, romance que foi bem recebido nos meios modernistas.

Em 1927, empreendeu campanha literária em torno do movimento verde-amarelo – grupo associado à vertente nacionalista do modernismo – e publicou o livro manifesto *O Curupira e o Carão*<sup>43</sup>. Já, em 1928, Plínio Salgado encabeçou o Movimento da Anta, no qual exaltava o

39 FELL, 2009, p. 641.

40 COELHO, 2019.

41 FELL, 2009, p. 641.

42 COELHO, 2019.

43 Essa coletânea foi formada por um conjunto de artigos escritos entre 1922 e 1927 por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado, e pode ser considerada o documento síntese do verde-amarelismo. Annateresa Fabris (1994) defende que a luta entre o Curupira e o Carão, divulgada na coletânea, inaugurou a luta do presente contra o passado.

indígena, particularmente o Tupi, como o portador da autêntica origem nacional. E, no ano seguinte, publicou *Literatura e Política*<sup>44</sup>, obra em que expressava ideias nacionalistas de cunho fortemente antiliberal e agrarista, inspirada principalmente nas teses de Alberto Torres e Oliveira Viana.

Logo no início de suas experimentações modernistas, Plínio Salgado publicou o artigo “Raça harmoniosa”. Neste texto, foram abordados temas próximos às teses defendidas por Vasconcelos, particularmente referentes à valorização da mestiçagem. Ao descrever seu pensamento frente ao “tema racial”, Salgado defendeu que

[...] o Novo Mundo parece estar destinado a ser a grande pátria da raça harmoniosa, resultado de íntimas correspondências de todas as raças. E, na América, nenhum país, como o Brasil se reserva ser a pátria universal. Nela se conjugam, como num resumo estupendo, todas as realidades terrestres, humanas e geográficas [...] Na diversidade dos climas, está justamente a possibilidade do fenômeno da formidável elaboração da humanidade do futuro [...] o prodigioso fenômeno político da nossa unidade, terão como consequência num dia remoto, o aparecimento de uma raça cósmica, tipo superior da humanidade, a raça harmoniosa<sup>45</sup>.

Esse artigo de Plínio Salgado apontava o Brasil como o lugar propício para o surgimento de um novo tipo de humanidade. A exaltação do encontro racial ocorrido no Brasil foi nomeada por Plínio Salgado como “raça harmoniosa”, que seria um tipo superior de humanidade resultante de todas as realidades humanas e geográficas. Em diálogo com o ensaio *La raza cósmica*, de José Vasconcelos, vemos algum nível de intercâmbio cultural entre esses projetos. Percebemos que o “consumo cultural” por parte de Plínio Salgado chegou ao nível extremo de incorporar os pressupostos defendidos pelo intelectual mexicano em seu projeto político-literário.

No início de 1927, o autor de *O estrangeiro* (1926) retomou essas posições e deixou clara a sua adesão às teses vasconcelianas no artigo intitulado “Em defesa da Anta”. Esse artigo trouxe explicitamente a apropriação dessas teses para defender suas posições políticas e literárias. Para Plínio Salgado, a intelectualidade brasileira deveria lançar “uma política americana” para defender a união “de todos os elementos integrantes no barro formador da grande raça futura, visionada com verdadeiro senso divinatório por José Vasconcelos”<sup>46</sup>. No artigo, o futuro líder integralista pretendeu deixar público e, ao mesmo tempo, convencer seus parceiros verde-amarelistas do significado da “Revolução da Anta”.

Menos de uma semana depois da divulgação do artigo “Em defesa da Anta”, de Plínio Salgado<sup>47</sup>, Cassiano Ricardo<sup>48</sup> publicou o artigo “Nheengassu verdeamarelista”, no qual o poeta

44 SALGADO, Plínio. Literatura e política. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v.19, p. 5-125.

45 SALGADO, P. Raça harmoniosa. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1926, p. 3.

46 SALGADO, P. Em defesa da Anta. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927c, p. 3.

47 SALGADO, 1927c, p. 3.

48 RICARDO, C. Nheengassu verdeamarelista. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927c, p. 2.

paulista deixou pública a admissão do símbolo proposto por Salgado, aproveitando a oportunidade para deixar explícita sua simpatia com as teses do intelectual mexicano. Na ocasião, Ricardo<sup>49</sup> reafirmou que é de “nossa paisagem étnica” que saíria “o ‘homem síntese’, referido por Vasconcelos na raça cósmica”. Meses depois, Plínio Salgado voltou ao tema no texto “Formação Nacional”. Nessa exposição, o escritor anunciou que quer “um Brasil brasileiro” e, que não dizia “isso por patriotismo, mas por humanidade”<sup>50</sup>.

Essas posições ensaiadas em artigos de jornal foram sintetizadas, ainda no ano de 1927, na coletânea *O curupira e o carão*. Nesse livro, Plínio Salgado<sup>51</sup> retomou as teses vasconcelianas para anunciar a missão do Brasil no texto “A revolução da Anta”. Para esse verde-amarelista, a mistura das raças abriria “um caminhar uniforme para a realização de um tipo futuro de americano, a ‘quinta raça’, como a denomina José Vasconcelos”<sup>52</sup>. Plínio Salgado expôs publicamente sua simpatia com as teses do intelectual mexicano ao retomar a mistura racial e o surgimento de uma “nova raça” como missão, além da essência do elemento nacional e da brasilidade. Como vemos, as teses vasconcelianas não estão presentes apenas em seus artigos de opinião de Plínio Salgado, mas foram incorporados ao seu projeto político-literário divulgado na coletânea *O curupira e o carão*<sup>53</sup>.

Outro documento que sintetizou as posições políticas e literárias de Plínio Salgado sob a égide verde-amarela foi o texto manifesto “O atual momento literário”, publicado no dia 17 de maio de 1929 no *Correio Paulistano*. Apesar dos desacordos entre os verde-amarelos, esse manifesto foi assinado por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Alfredo Ellis Júnior e Cândido Motta Filho<sup>54</sup>. Nesse manifesto, podemos ver mais de perto o “consumo cultural” das teses de José Vasconcelos pelo grupo.

Para justificar a afirmação de que é no Brasil que se encontrará a “raça futura”, esses signatários deixaram claro que se apoiaram na “opinião bem fundamentada do sociólogo mexicano Vasconcelos”<sup>55</sup>. Para esses intelectuais, o Vasconcelos já havia defendido que

[...] é de entre as bacias do Amazonas e do Prata que sairá a “quinta raça” a “raça cósmica”, que realizará a concórdia universal, porque será filha das dores e das esperanças

49 RICARDO, 1927c, p. 2.

50 SALGADO, P. Formação nacional. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927d, p. 3.

51 SALGADO, P. A revolução da Anta. In: *O curupira e o carão*. São Paulo: Editora Hélios LTDA, 1927b. p. 91-98.

52 SALGADO, 1927b, p. 93.

53 SALGADO, P. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editora Hélios LTDA, 1927a.

54 De acordo com El Dine (2010), entre esses autores era evidente o desencontro de ideias, cujo desdobramento foi a dissolução do grupo literário em grupos políticos: o Integralismo, de Plínio Salgado, e o Movimento Bandeira, de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo.

55 O ATUAL MOMENTO LITERÁRIO. *Correio Paulistano*. 17 maio 1929, p. 4.

de toda a humanidade. Temos de construir essa nação, integrando na Pátria Comum todas as nossas expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas<sup>56</sup>.

Baseando-se nas teses vasconcelianas, o manifesto explicitou que a tese da “raça cósmica” vem ao encontro das ideias do grupo, pois todos concordavam que a colonização ocorrida no Brasil significou “a proclamação de direitos das raças e a negação de todos os preconceitos”<sup>57</sup>. Para os intelectuais signatários do manifesto, no Brasil “não há preconceitos de raça”, “preconceitos religiosos” e “preconceito político”, pois esse é “um país de migração e continuaremos a ser refúgio da humanidade por motivos geográficos e econômicos”<sup>58</sup>.

Por essas palavras, vemos que o suposto sentimento de bondade do brasileiro e a ausência de preconceitos – já idealizado por Vasconcelos em *La raza cósmica* – foi apropriado pelo grupo para defender que, no Brasil, irá se formar a humanidade do futuro. Vejamos, a seguir, como esse consumo cultural também pôde ser percebido nos escritos de Cassiano Ricardo, mais especificamente no poema *M.C.*<sup>59</sup>.

### **Cassiano Ricardo e o “homem síntese”: o indígena, o africano escravizado e o branco redentor**

Apesar de ter iniciado sua carreira literária em 1915 com o livro parnasiano *Dentro da noite*, somente a partir de 1923<sup>60</sup> é que Cassiano Ricardo deu os primeiros passos para a revisão em seu comportamento literário, particularmente com ingresso no jornal *Correio paulistano*, onde conheceu Plínio Salgado e Menotti Del Picchia. O ano de 1925 foi considerado como sua estreia modernista com a publicação do livro de poemas *Borrões de verde e amarelo*. Após publicar *Vamos caçar papagaios* (1926), o poeta publicou oficialmente o *M.C.*<sup>61</sup>, considerado por seus críticos como sua obra-prima modernista.

A melhor forma de problematizarmos a simpatia do poeta pela tese da “raça cósmica” é através da leitura desse poema *M.C.*, obra que exaltou os heróis paulistas (bandeirantes), a

56 O ATUAL MOMENTO LITERÁRIO, 1929, p. 4.

57 O ATUAL MOMENTO LITERÁRIO, 1929, p. 4.

58 O ATUAL MOMENTO LITERÁRIO, 1929, p. 4.

59 RICARDO, C. *Martim Cererê*. São Paulo: Editora Hélios, 1927a. 163 p.

60 Para compreender a inserção do escritor no debate literário modernista em São Paulo, é importante destacar que ele estava residindo desde 1919 em Vacaria no Rio Grande do Sul.

61 Uma das principais peculiaridades da obra são as alterações que o poeta empreendeu no texto. Poderíamos, à primeira vista, supô-las decorrentes das revisões comuns à publicação de novas edições. Contudo, nas revisões ao longo das edições, Cassiano Ricardo alterou não somente a escrita e a estética, mas também o número de poemas. Entendemos que o poema *M.C.* tornou-se um projeto literário de grande complexidade, onde o poeta desentranhou poemas de poemas e, por meio do recorte e da montagem, estendeu o fio temático, transformou trechos em novos poemas e reduziu poemas a trechos (Peres, 1987). Outra peculiaridade do *M.C.* está no fato de ter sido publicada nove anos após seu lançamento sua sexta edição, fato raro no mercado literário, especialmente em se tratando de um poema. Como contraponto desse “sucesso” editorial, podemos destacar que somente em 1937 as segundas edições de *Macunaíma* e *Cobra Norato* seriam publicadas. Frente às peculiaridades desse poema e posições de Cassiano Ricardo sobre o pensamento de José Vasconcelos, veremos como o poeta incorporou as teses vasconcelianas em sua obra.

modernização da cidade de São Paulo e a miscigenação racial. Luiza F. Moreira<sup>62</sup> entende essa obra como uma mescla de folclore, miscigenação racial e episódios históricos unidos para explicar a formação da Nação. A partir dessa mistura, o poeta pretendeu construir uma mitificação capaz de abranger todos os brasileiros em todos os tempos e, ao mesmo tempo, o surgimento de uma nova raça na América<sup>63</sup>.

Ao discutir como Cassiano Ricardo inseriu o indígena em seu fazer poético, as considerações de Roger Chartier<sup>64</sup> nos auxiliaram no entendimento das condições de produção do poema *M.C.*, assim como para entender as diferentes relações entre a obra e seu criador, entre a obra e outras obras e entre a obra e sua época. Entendemos que o “consumo cultural” do pensamento vasconceliano realizado por Cassiano Ricardo proporcionou uma “outra produção” dos ideais modernistas, da mesma forma, uma “outra produção” de sua própria obra. Com base nessa hipótese, recuperamos parte da história das diferentes modalidades da apropriação dos enunciados presentes no poema *M.C.* e, em especial, a forma como o indígena foi representado na narrativa literária do referido poema.

Ao descrever os habitantes do território ameríndio, o poeta apresentou três personagens: o “Pajé”, a “Uiara” e o “jovem guerreiro”<sup>65</sup>. Ao longo das edições do poema, Cassiano Ricardo minimizou o papel do “Pajé” em sua narrativa, transformando esse importante elemento da vida social indígena em um elemento assessorio, pois o “Pajé” deixou de ser uma liderança para se tornar um contador de histórias para as crianças.

Ao descrever a indígena “Uiara”, o poeta descaracterizou o ser humano, transformando-a apenas em uma representação alegórica da Nação. Ao apropriar-se da mulher indígena para representar as cores da bandeira nacional (cabelos verdes e olhos amarelos), o poeta provocou sua desconstrução física, em outras palavras, desumanizou da mulher indígena. Se a ideia era que a personagem de cabelos verdes e olhos amarelos representasse “a nação”, quanto menos características físicas concretas e mais valores abstratos a personagem carregasse, melhor seria para a narrativa, pois assim o poema poderia abarcar todos os brasileiros<sup>66</sup>.

62 MOREIRA, L. F. *Meninos, poetas e heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

63 VELLOSO, 2010.

64 CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

65 RICARDO, 1927a, p. 40.

66 Assim como o Arielismo de Enrique Rodó enfatizava o papel das aristocracias e dos grandes homens na condução dos eventos históricos, os intelectuais brasileiros mencionados podem ser vistos como promotores de definições de “raça nacional” e detentores de um gênio “bom”, tal qual demonstrou ser o personagem Ariel, também do clássico “A tempestade”, de Shakespeare. Ariel, portanto, aprisionado pela bruxa má, mãe de Caliban, sendo descendente, ou mesmo o próprio crioulo colonizado/colonizador, aceita a proteção do estrangeiro, Próspero, e dedica-se a “favorecer” seu “libertador”.

Na obra, Cassiano Ricardo associou o indígena ora com a “natureza em movimento” e com o ambiente bárbaro em “trágica desordem”, ora como ser passivo que vivia em “um eterno dia” que seguia os caminhos abertos por animais. Esse exercício foi fundamental para percebermos como esse poeta provocou o ocultamento das várias etnias que habitavam o território americano, pois pretendia construir uma narrativa de unidade. Apesar da tentativa de construir uma origem mítica da Nação pautada na apropriação de algumas narrativas indígenas, Cassiano Ricardo permaneceu eurocêntrico: o branco que civilizou o território selvagem e inseriu a Nação no tempo mítico, já o indígena foi posto como selvagem, indisciplinado e passivo.

Frente a esses apontamentos, a apropriação dos indígenas no poema provocou o que Enrique Dussel<sup>67</sup> chamou de “encobrimento do Outro”. Nossa análise sobre a representação do indígena demonstra como o eurocentrismo ricardiano reforçou a concepção de infância e imaturidade dos indígenas, pois o poeta compreendeu a racionalidade do outro – nesse caso, o indígena – como irracionalidade. Entendemos que o poeta projetou uma série de valores que para seu grupo eram importantes para a formação da Nação numa figura que era uma “forma” a ser moldada, no caso o indígena. Sendo assim, o poema *M.C.* tornou-se um projeto literário de “colonização cultural” das terras brasileiras, não como aponta Dussel<sup>68</sup>, onde esse processo inaugurou a modernidade europeia, mas como produto literário que buscou construir uma representação da gênese do Brasil moderno sob a influência da raça cósmica vasconceliana.

Mesmo mantendo o suposto encontro harmônico entre o indígena, o branco e o africano, onde presenciamos – ao longo das edições – a inserção de vocabulários da religiosidade e da musicalidade africana, sua contribuição permaneceu restrita ao campo degradante do trabalho escravo. De forma mais direta, mesmo pretendendo ressaltar os elementos da cultura africana, o poeta não se afastou de sua visão racista e preconceituosa e, assim, não conseguiu efetivar a desejada valorização de todas as raças apregoada nos artigos de opinião publicados no *Correio Paulistano*. A tentativa de incorporar o africano em pé de igualdade aos outros grupos – brancos e indígenas – não foi alcançada pelo poeta.

A inserção do negro escravizado foi guiada pela visão de mundo do próprio poeta, que estava carregada de tons racistas e, porque não dizer, da eugênica europeia. Entendemos, ainda, que a estratégia de poetizar a chegada do africano ao “País das palmeiras” teve um efeito negativo, pois retirou as características humanas dos africanos e os aproximou aos elementos da natureza

67 DUSSEL, E. 1942: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

68 DUSSEL, 1993.

ou, pior, os associou a simples mercadorias<sup>69</sup>. A pretensa representação equilibrada entre os três grupos raciais – branco, índio e negro – não ocorreu de forma efetiva. Ao contrário, as diferentes representações do africano escravizado foram marcadas pela negatividade e pela distorção de suas características físicas e espirituais.

De qualquer modo, apesar de marcar o sofrimento do africano escravizado no poema, o escritor relativizou essa dor em benefício da suposta fusão racial. Mesmo levando em conta o viés preconceituoso e de minimização do sofrimento, uma questão merece destaque: Cassiano Ricardo ampliou a poetização da participação do africano escravizado ao longo das reedições do poema *M.C.*, em outras palavras, ocorreu a tentativa de compor uma narrativa mítico-histórica mais miscigenada. Por outro lado, o não questionamento da situação do africano escravizado e sua condição conservadora marcaram a segregação do negro, prevalecendo a negação e/ou o disfarce de sua situação de exclusão, seguindo as interpretações oriundas dos salões do IHGB. O que se definiu, no poema, como contribuição da terceira raça expressou tais aspectos, pois o africano foi relacionado estritamente ao trabalho<sup>70</sup> escravo, que foi diferenciado de acordo com o gênero: as mulheres colaboraram como amas de leite e no trabalho doméstico; os homens, com o trabalho nas lavouras.

Ao entendermos que o *M.C.* também foi uma obra de exaltação do mito bandeirante, observamos a apropriação de quatro grandes eixos interpretativos que dimensionaram o desenvolvimento econômico paulista: a expansão da fronteira agrícola paulista; a inserção do imigrante no trabalho agrícola; a construção da malha ferroviária; e, por fim, a dinâmica da pequena propriedade rural. No poema, a expansão da fronteira agrícola foi poetizada na figura dos cafezais que avançavam pelo território e reeditavam a expansão do território promovida pelos bandeirantes durante o ciclo do ouro no século XVIII. Cassiano Ricardo também se apropriou da malha ferroviária em seu poema ao idealizar que a economia cafeeira asseguraria o desenvolvimento econômico do estado paulista e, com ele, a industrialização.

A leitura da epígrafe inicial do *M.C.* é outro exemplo sobre as intenções raciais do texto, representações raciais que beberam nos escritos de José Vasconcelos. Escrita por Plínio Salgado, a epígrafe anuncia:

69 COELHO, G. L. S. A “Noite Africana” chegou ao “País das Palmeiras”: a apropriação do negro escravizado no poema Martim Cererê”, *Anos 90*, [s. l.], n. 28, p. 1-18, 2021.

70 Dentro da mitologia paulista, trabalho é algo muito positivado, mas a questão é que aqui o poeta refere-se ao trabalho do escravizado.

Se ele foi o curumi das tabas, o moleque da senzala, deve ser também o italianinho das nossas fazendas de café e o escoteiro das nossas escolas. É a criança travessa. E, como criança, é a própria imagem da Pátria<sup>71</sup>.

Como reforço a tal afirmação, o imigrante foi incorporado no instante em que o autor narrou o recorte temporal em que o Estado brasileiro abriu os portos para a imigração no final do século XIX. Essa narrativa ficou expressa no poema “Soldados Verdes”, onde Cassiano Ricardo anunciou que “um grande exército colorido de imigrantes” chegou para colonizar a terra<sup>72</sup>.

Antes da publicação do poema, Cassiano Ricardo expunha suas visões sobre o imigrante em textos de opinião publicados nas páginas do jornal *Correio Paulistano*. No texto “Minha terra tem palmeiras” – publicado em 1927 –, o poeta utilizou a metáfora das núpcias para inserir os imigrantes na formação de uma nova raça, em outras palavras, a formação da “quinta raça”, do “homem síntese” ou da “raça cósmica”<sup>73</sup>.

O argumento de que o Brasil tem uma missão a cumprir também foi encontrado no artigo “A Poesia dos cafezais”, publicado em 1928 no *Correio Paulistano*. Nesse texto, Ricardo defendeu que no Brasil ocorreu a verdadeira democracia, pois aqui “todos os povos de todas as procedências [...] vem fundir” em uma só raça. O poeta deixou claro que suas posições se apoiavam nas “palavras de certo pensador mexicano que anteviu a formação da raça cósmica”<sup>74</sup>.

Além desses enunciados, a imigração e seu papel para a formação da “raça futura” foram espalhados por toda a narrativa do poema. Se, por um lado, essa construção foi inovadora pelo fato de que o imigrante tornou-se ator na formação racial do Brasil, por outro, sua inserção deu-se em oposição ao Peri, ao Jeca Tatu e à tríplice formação étnica. A inserção do imigrante como personagem pretendeu narrar uma construção específica de brasilidade. No poema, a inserção do imigrante completaria o caldo racial da formação do brasileiro, onde a inspiração em José Vasconcelos daria origem à ideia de formação de uma raça futura no Brasil, ou seja, à criação do “homem síntese” anunciado nos textos de opinião de Cassiano Ricardo.

No que diz respeito ao “consumo cultural” das teses vasconcelianas no poema *M.C.*, apontamos que essa tentativa defendeu uma viabilidade como resposta ao problema posto à sociedade brasileira da época. Esse problema havia sido apresentado já no final do século XIX e início do século XX, e girava em torno da identidade nacional. Tais posições tomavam a pureza da raça como essência do sucesso ou não da Nação, no que a intelectualidade buscou uma explicação

71 RICARDO, 1927a.

72 RICARDO, C. *Martim Cererê*. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1932. p. 86.

73 RICARDO, C. Minha terra tem palmeiras. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927b. p. 4.

74 RICARDO, C. A poesia dos cafezais. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1928. p. 3.

e, conseqüentemente, uma saída para o atraso que permeava essa sociedade brasileira. Sendo assim, o “consumo cultural” das ideias vasconcelianas – em especial a tese da “raça cósmica” – por Cassiano Ricardo abriu caminho para tentar resolver as questões identitárias e raciais nacionais, de modo que o imigrante seria um ingrediente fundamental para o caldeamento racial brasileiro.

Seguindo as sugestões de Roger Chartier<sup>75</sup>, entendemos que o “consumo cultural” das ideias defendidas pelo IHGB, por José Vasconcelos e pelo conjunto de escritores “Verdeamarelos” foi tomado como “outra produção”, que não era idêntica às de seus produtores. Tal prisma se alinha à afirmação que as obras produzidas em uma ordem específica escapam dos autores e ganham existência ao serem investidas pelas significações que os diferentes públicos lhes atribuem<sup>76</sup>, no caso em tela, entre os modernistas verde-amarelos. Com essa afirmação, entendemos que a “outra produção” empreendida por Cassiano Ricardo se deu pela apropriação dos temas raciais no poema *M.C.* Desse modo, o imigrante se tornou – no campo simbólico – o elemento racial necessário para compor o tipo racial brasileiro, isto é, o “homem síntese”.

Frente aos apontamentos apresentados neste texto, podemos considerar que, a partir da perspectiva de Paul Ricoeur<sup>77</sup>, compreendemos a relevância de se entender a capacidade da metáfora em gerar novos significados, em outras palavras, a metáfora da raça cósmica. Sendo assim, também reconhecemos as possibilidades oferecidas pela perspectiva da ação metafórica na análise histórica do poema *M.C.* As teses do filósofo francês também nos possibilitam perceber que o poema *M.C.* – enquanto metáfora do passado – tornou-se uma estratégia para narrar o passado histórico brasileiro e defender suas posições sobre a contribuição do indígena, do africano e do imigrante na formação racial do brasileiro. Com base nas considerações de Ricoeur<sup>78</sup>, o poema *M.C.* pode ser entendido como “imitação da imitação”, ou seja, essa obra literária pode ser uma imitação da História através da poética; um exemplo de uma metáfora da História.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o “consumo cultural” da obra *La raza cósmica* realizado por Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, não podemos menosprezar o peso que o “tema racial” tinha para eles. Para que possamos entender a relevância da questão racial nesses intercâmbios, torna-se necessário retomar – novamente – o impacto das teorias eugênicas entre a intelectualidade latino-americana

75 CHARTIER, R. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel Bertrand, 1990.

76 CHARTIER, 2002.

77 RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

78 RICOEUR, 2000.

naqueles anos. Ao explorar a inserção dos debates eugênicos no Brasil e no México, Stepan<sup>79</sup> ressalta que essas correntes eugênicas estavam unidas por um ponto comum: a construção da nacionalidade em países mestiços.

De todo modo, a figura do mestiço apareceu reinventada na retórica do campo intelectual latino-americano. Essa reinvenção redentora tentou redimir a própria América Latina, palco de sua missão na concepção vasconceliana, ao mesmo tempo, e redimiu o Brasil – como outro palco – na interpretação dos dois escritores modernistas brasileiros. Ao proclamar uma identidade mestiça para o México, para toda a América Latina e, consecutivamente, para o Brasil, esses escritores conferiram ao mestiço o cargo de harmonizador universal de todas as raças e, mais que isso, criaram diferentes formas de nomear essa “nova raça”. Essa idealização foi relida por Cassiano Ricardo para definir o brasileiro como o “homem síntese”, ou a “raça harmoniosa” de Plínio Salgado, ou até a “raça cósmica” de José Vasconcelos.

Levando em consideração o predomínio das teorias do branqueamento nos primeiros anos do século XX, defendemos que na segunda década desse século algumas apropriações das teses vasconcelianas produziram outro resultado. Frente a essa constatação, avaliamos que o “consumo cultural” da tese da “raça cósmica” por Plínio Salgado e Cassiano Ricardo apresentou outra saída para o dilema racial brasileiro: a mestiçagem como fator positivo, sendo elevada ao *status* de definidora da brasilidade. No entanto, o pensamento elaborado por José Vasconcelos na elaboração do *M.C.* não alcançou a desconstrução do racismo fruto da eugenia europeia e/ou fruto das circunstâncias históricas, sociais e econômicas próprias da sociedade brasileira.

A “confusão” taxonômica que se faz presente até a atualidade em relação aos conceitos “espécie”, “raça” e “etnia” tem se mantido como demarcações atávicas e identitárias da comunidade humana, as quais tornam-se suportes para desigualdades sociais e manutenção dos racismos estruturais. Embora a teoria do branqueamento tenha maior visibilidade dentre as análises sobre composições de “raças” brasileiras, é preciso considerar os debates que vêm sendo travados através de periódicos brasileiros, conforme constatou Silvio de Almeida<sup>80</sup>. Em seus textos, esse autor aborda outras epistemologias, que colocou em questão o conceito “racismo estrutural”, sem questionar sua existência, mas a argumentação acerca do conceito, considerando que o conceito “racismo institucional” seria mais adequado no caso brasileiro.

79 STEPAN, 2005.

80 ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

Nos posicionarmos conceitualmente adentro da corrente do pensamento brasileiro que trata da questão racial e seu problema mais violento, o racismo. Assim, consideramos que nosso estudo contribui para o debate e ilustrou a cerimônia de posse do presidente Lula no dia 1º de janeiro de 2023. Nessa data, presenciamos a subida na rampa do Palácio do Planalto, ritualizando a união das “raças brasileiras” e, especialmente, sinalizando um projeto de governo, ou Estado, voltado para os “excluídos” (pessoas com deficiência e LGBTQIAP+), ou “minorias”, o que se afastou consideravelmente do governo que presidia o Brasil durante o Bicentenário da Independência. Emblemático, também, foi o simbolismo da composição do maestro Villa-Lobos – “O Trenzinho do Caipira” – que acompanhou a subida do presidente e sua esposa, de mãos dadas com o “indígena” (cacique/xamã caiapó Raoni), uma mulher, um menino negro e homens e mulher branca. Todos esses indivíduos foram representados pelo casal: presidente (nordestino) e a esposa sulista. Estaria ali implícita, mas não previamente objetivada, a união dos opostos: o lutador do Norte e a guerreira do Sul. Note que essa comparação “racial” entre o casal só pode ser entendida no contexto do “ritual da subida da rampa” do 1º de janeiro de 2023. Fora disso, e mesmo nesse contexto, é apenas especulação.

Explicitamente, estava, nesse evento, sendo dramatizado o discurso da interseccionalidade, mas havia, também, a reconstrução dos espetáculos nacionalistas da Era Vargas. Consciente ou não, para grande parte da população brasileira, estava ali representado um resgate de uma História Nacional em que as “raças” seriam consideradas em suas características específicas, mas igualmente tratadas. Como apontado antes, a interseccionalidade, termo sistematizado por Kimberlé Crenshaw, em 1989, estava explícita no “ritual de passagem” de um governo a outro, como condição hegemônica no tratamento da justiça e igualdade entre as pessoas. A ausência do representante-mor do governo anterior – que exacerbou a desigualdade racial durante seu governo – também é significativa de um resgate simbólico de um nacionalismo não excludente. Ressalta-se que o conceito de interseccionalidade foi definido como método que visava compreender a articulação e interação de múltiplas determinantes de subordinação, como raça, classe, gênero. Assim sendo, resgatava-se, ou construía-se – no atual contexto – o discurso do “Mito das Três Raças”. Um tema tão internalizado na sociedade brasileira, tanto questionado quanto reproduzido num eugenismo veladamente explícito que se desenvolve nos mecanismos de consumo estético de um “embranquecimento” nos salões de beleza e nas pesquisas biológicas.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

- O ATUAL MOMENTO LITERÁRIO. *Correio Paulistano*, 17 maio 1929, p. 4.
- RICARDO, C. A poesia dos cafezais. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1928, p. 3.
- RICARDO, C. *Martim Cererê*. São Paulo: Editora Hélios, 1927a, p. 163.
- RICARDO, C. *Martim Cererê*. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1932, p. 139.
- RICARDO, C. Minha terra tem palmeiras. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927b, p. 4.
- RICARDO, C. Nheengassu verdeamarelista. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927c, p. 2.
- SALGADO, P. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editora Hélios LTDA, 1927a.
- SALGADO, P. A revolução da Anta. In: SALGADO, P. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editora Hélios LTDA, 1927b. p. 91-98.
- SALGADO, P. Em defesa da Anta. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927c. p. 3.
- SALGADO, P. Formação nacional. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1927d. p. 3.
- SALGADO, P. Raça harmoniosa. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1926. p. 3.

### Obras Gerais

- AGUILAR CAMÍN, H.; MEYER, L. À sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea 1910-1989. São Paulo: EDUSP, 2000.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CARVALHO, L. D. A identidade da “raça cósmica”: a experiência da eugenia no México. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 268-270, dez. 2016.
- CHARTIER, R. *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, R. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel Bertrand, 1990.
- COELHO, G. L. S. A “Noite Africana” chegou ao “País das Palmeiras”: a apropriação do negro escravizado no poema *Martim Cererê*. *Anos 90*, [s. l.], n. 28, p. 1-18, 2021.

COELHO, G. L. S. Consumo cultural do pensamento vasconceliano na literatura modernista brasileira: intercâmbios intelectuais na constituição do discurso da raça latino-americana na década de 1920. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [s. l.], n. 25, p. 183-221, 2019. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/2954>. Acesso em: 11 abr. 2023.

COUTINHO, A. *A literatura brasileira: modernismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1970.

CUNHA, E. *Os sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert & Co., 1902.

DIWAN, P. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

DUSSEL, E. *1942: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FABRIS, A. *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

FELL, C. *José Vasconcelos, los años del Águila (1920-1925)*. México: UNAM, 2009. 737 p. Disponível em: [https://docs.google.com/file/d/0B9Ed9nf\\_plwQRWlzQ2J0YzVqZ2M/edit](https://docs.google.com/file/d/0B9Ed9nf_plwQRWlzQ2J0YzVqZ2M/edit). Acesso em: 20 maio 2018.

FERNÁNDEZ RETAMAR, R. “*Caliban en esta hora de nuestra América*”, en *Todo Caliban*. Buenos Aires, CLACSO, 2004.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaio*. Revista do PPGAV/UFRJ, [s. l.], n. 32, dez. 2016.

MOREIRA, L. F. *Meninos, poetas e heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MOTTA, M. S. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

PERES, D. C. (coord.). *Martim Cererê: o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1987.

RICOEUR, P. *A história, a memória, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000b.

SALGADO, Plínio. Literatura e política. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v.19, p. 5-125.

SANDES, N. F. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Editora UFG, 2011.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

STEPAN, N. L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STERN, A. Mestizofilia, biotipología y eugenesia en el México posrevolucionario: hacia una historia de la ciencia y el estado, 1920-1960. *Relaciones. Estudios de historia y sociedad*, [s. l.], v. XXI, n. 81, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13708104>. Acesso em: 9 abr. 2023.

SUÁREZ Y LÓPEZ GUAZO, L. *Eugenesia y racismo em México*. [S. l.]: Eugenesia y racismo em México, 2005. Disponível em: <http://www.librosoa.unam.mx/handle/123456789/2225>. Acesso em: 9 abr. 2023.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TENÓRIO, M. Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 123-148, 1994.

VELLOSO, M. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 89-112, 1993. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1952>. Acesso em: 9 abr. 2023.

VELLOSO, M. *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Recebido em: 15/12/2023 • Aprovado em: 05/03/2024